

Discurso de posse de Osmar Maia Diógenes como sócio efetivo do Instituto do Ceará

OSMAR MAIA DIÓGENES*

Ilustre presidente do Instituto do Ceará, educador Ednilo Soárez; Professora e jornalista Adísia Sá, presidente da Associação Cearense de Imprensa; Deputado Federal Mauro Benevides, ex-senador; Vice-governador do Estado do Ceará, Domingos Filho; acadêmico Augusto Bezerra, ex-presidente deste sodalício e presidente da Academia Cearense de Letras; Dr. Silvio de Paiva Ribeiro, Sereníssimo Grão Mestre da Grande Loja Maçônica do Estado do Ceará; Deputado Federal Artur Bruno, digno representante do povo cearense na Câmara Federal; consócios do Instituto do Ceará; convidados; minhas senhoras e meus senhores.

Princípio minhas palavras, nesta reunião solene, perante tão seleta assistência, por dizer aos que vivenciam conosco as magnificências desta noite, tratar-se de momento de singular relevância, sonho posto realidade, repleto de agradáveis emoções.

Este evento significa me fazer ombrear às mais lídimas notabilidades do Instituto do Ceará. Muitas vezes consultei o meu íntimo, a indagar, se ousada a oportunidade da pretensão. Sempre que a tanto ponderava, acudia-me a sábia exortação do Eclesiastes, “tudo tem sua ocasião própria, e há tempo para todo o propósito, debaixo do céu”. Apresto-me, agora, ao chamamento da Casa do Barão de Studart, graças ao acolhimento dos consócios.

Em meio a notórias e reconhecidas sapiências, conviverei à sombra de mestres da História, da Geografia e da Antropologia. É justi-

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

ficável, assim, o meu contentamento, em pertencer ao quadro de sócios efetivos deste grêmio secular, notável escola do saber, reverenciada nas letras-pátria, abençoada e ungida pelas divindades do Olimpo, representada pela dação sábia, efetiva e voluntariosa, de competentes e laboriosos mestres, devotados à divina tarefa das letras.

Uma brisa acolhedora e angelical, de vibrações sutilíssimas, de magnéticos fluidos etéreos, espalha-se, em raios múltiplos de luz, por este esplendoroso cenáculo, repleto de nobres e valiosas reminiscências.

Um odor delicado, das mais puras essências miraculosas do nardo e da mirra, manifesta-se à minha sensibilidade espiritual. De forma translúcida, e etérea, nos deixa rever entre nós, devolve nesta noite, em memória, ao nosso aconchego, as presenças benfazejas de 12 iluminados cavaleiros das letras. Foi na sede da Biblioteca Pública, que em data de 4 de março de 1887, amanharam com emoção, carinho e amor, a semente multiplicadora de um fecundo e promissor ideal, regado e umedecido, pelas forças propulsoras, e milagrosas, do trabalho e da fé.

Dos primeiros tempos, qual o simbolismo do grão de mostarda, cresceu árvore frondosa, de copa abundante e sombreada, acolhedora de sonoros e refinados gorjeios melódicos. Palmilhou, vitoriosa e resoluta, as dificuldades naturais do engatinhar dos primeiros passos. Transpôs, altaneira, qual voo de águia, a centúria inovadora de 1900, sobejamente laureada de formidável presença literária. Vencedora, e nacionalmente reconhecida e reverenciada, assomou o século XXI secundada pela devoção de valiosos congregados, imbuídos dos mais belos e divinos propósitos da milenar arte da cultura.

Mas o Instituto, filho sagrado de uma concepção ideal, será sempre um fermento cultural em nossa sociedade, de geração a geração. Suas portas nunca se fecharam ao chamamento perene de novos e diligentes obreiros à sua seara. Para entendê-lo, é importante contextualizá-lo no tempo e no espaço histórico, buscar os incipientes movimentos literários do Ceará Provincial, e da historiografia do século XIX. Para tanto, procurei aconselhar-me na *História Literária do Ceará*, de Mozart Soriano Aderaldo, livro de 1986, edição comemorativa do primeiro centenário do Instituto do Ceará.

Optei pelo ano de 1845, como ponto temporal de partida, época em que o Senador Pompeu instalou o Liceu do Ceará, figurando no cur-

rículo as disciplinas de Geografia e História. Em 1848, Fortaleza registra a instalação de sua primeira livraria, de Manuel Antonio Rocha Junior, vendendo e alugando livros. Poucos anos depois, Juvenal Galeno, um dos fundadores do Instituto, criador da poesia popular, publicou *Prelúdios Poéticos*, e em 1865, *Minha Jangada de Vela e Cajueirinho Pequenino*. Lembram-se desses versos: “Cajueirinho pequenino, carregado de fulô, eu também sou pequenino, carregadinho de amor”.

São de 1870 a *Academia Francesa do Ceará* e a sociedade *A Fraternidade*. As especulações dos pensadores estão centradas no idealismo lítero-revolucionário-liberal do pensamento iluminista, denominado de Alta Crítica. A intelectualidade propaga as ideias de Spinoza, Rousseau, Voltaire, Montesquieu, Diderot, filósofos que desempenharam importante papel na transformação política e intelectual do séc. XIX. Instala-se a Questão Religiosa, e deixam para trás o dogmatismo medieval e a metafísica transcendente. Toma força e vigor o conceito pré-socrático de Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas”.

Os estudiosos assumem ostensivamente uma postura crítica radical ao Magister Dixit, a escolástica de Tomás de Aquino, (1225-1274) canonizado em 1313 pelo Papa João XXII, e cujas ideias, estão codificadas nos vinte e quatro volumes da *Suma Teológica*. Uma nova premissa ética, social e filosófica norteia o pensamento: “liberdade, igualdade e fraternidade”. Nesta resenha merece destaque a *Escola Popular*, considerada por Tristão de Ataíde o primeiro grande movimento cultural do Ceará.

É de 1875, a fundação do *Gabinete Cearense de Leitura*, embrião e primeira tentativa de instalação do Instituto Histórico, sob a presidência do Pe. Antônio Pereira de Alencar. Inicia-se o fluxo social das agremiações abolicionistas, algumas moderadas, outras radicais e revolucionárias. Citemos, como expoentes desse ciclo, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, Antonio Martins e Oliveira Paiva.

No decênio de 1880 ganha notoriedade e relevo a *Sociedade Cearense Libertadora*, com voz no *Jornal O Libertador*. Caminha-se, resolutamente, para a abolição da escravidão no Ceará, concretizada em 1884. Uma menção especial a 1886, quando se instala o *Clube Literário 15 de Novembro*. O calendário histórico assinala o dia 4 de março de 1887, como data de fundação do Instituto do Ceará, estuário natural de movimentos socioculturais do século XIX. Reverenciando

os eméritos fundadores, evoquemos Paulino Nogueira, primeiro presidente, e Barão de Studart, nome tutelar dessa elite intelectual.

Os últimos anos do século XIX registram, em 1892, a presença de uma mocidade inquieta, cheia de humor, impulsiva e letrada, os fornecedores da *Padaria Espiritual*, à frente Antônio Sales, pedra angular da intelectualidade Cearense. Esse movimento literário acha-se competentemente abordado no livro *O Pão*, pela ilustre professora e escritora Regina Pamplona Fiúza. Ressalte-se, com ênfase, a fundação da *Academia Cearense de Letras*, em 1894, irmã siamesa do Instituto, e matriz no gênero em todo o Brasil, composta de 27 sócios-fundadores, figurando Thomaz Pompeu de Souza Brasil, como primeiro presidente, e que foi o segundo presidente do Instituto do Ceará.

Augusto Comte (1798-1852), instalador da Religião da Humanidade, pai da Sociologia e patrono da Filosofia Positiva, o primeiro a classificar as ciências, sob a visão da complexidade crescente e a generalidade decrescente, assinala, no Catecismo Positivista, “que a cada dia que passa, os vivos, são cada vez mais guiados pelos mortos”. As premissas básicas da filosofia comtista estão vivas na nossa bandeira nacional: “Ordem e Progresso”, ou o amor por princípio, a ordem por meio, e o progresso por fim”.

Credite-se, ainda, a Comte, o embasamento filosófico-republicano de 1889, movimento que transformou o Brasil, Imperial e Regalista, herdeiro do Padroado Régio Confessionista Português, num Estado laico, republicano, positivista, com acentuada influência maçônica.

Somos, hoje, fiéis legatários de um glorioso e fecundo tesouro cultural. Os fundamentos desta Casa deixam à mostra um patrimônio dinâmico, de caráter permanente e coletivo, a soma do ontem e do hoje, sob liderança sábia, orientadora e firme de seus gestores. Sejam gratos ao passado. A gratidão é uma das mais santas, belas e gratificantes virtudes do ser humano.

É desejo natural, e legítimo, de quem não se descuidou das letras, buscar a companhia de pessoas cultas e distintas, conviver ao redor, num ágape permanente de sabedoria. John Donne (1572-1631), poeta metafísico inglês, autor da obra *Meditações*, que inspirou Hemingway no célebre romance *Por Quem os Sinos Dobram*, um dos textos mais conhecidos da atualidade, afirma que “nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo”. Emanuel Kant (1724-1804), o tímido e metódico

filósofo de Königsberg, investigando o universo do homem, na *Crítica da Razão Prática*, registrou esse processo de reunião, enfatizando, o ser humano, sempre inclinado a associar-se.

A humildade, irmã gêmea da prudência, convoca o cidadão às responsabilidades assumidas, a acordar energias latentes à prática efetiva das palavras, longe de atitudes narcisistas que só conduzem a um êxtase vaidoso e inoperante. A cultura sem obras, como sabiamente poetizou Vinícius de Moraes, é “um jardim sem luar, luar sem amor, amor sem se dá”.

O momento, senhoras e senhores, afigura-se-me merecido a reconhecimento espontâneos. Primeiro, a Augusto Bezerra, ex-presidente deste sodalício, agora presidente da Academia Cearense de Letras, administrador versátil, competente e sóbrio, exemplo fraterno de amigo/irmão, pois a Acácia nos é conhecida. Obrigado a Gonzaga Mota, meu incentivador, íntegro governador, já inserido na nossa história. Guardo a honra de ter sido um dos seus líderes na Assembleia Legislativa. A Juarez Leitão, emérito e competente professor de muitas gerações de cearenses, talentoso, culto, alegre e inteligente, menestrel da divina e difícil ciência do bem dizer, e mestre escultor consumado no formidável engenho estético, de transformar ideias, em sonoras e candentes proposições verbais.

Agradeço, sensibilizado, aos meus apoiadores, o Irmão e mestre Osvaldo Evandro, já postado no reino dos justos, nos patamares etéreos do Oriente Eterno; o ilustre e cordial amigo Prof. Eduardo Bezerra, e Gonzaga Mota, já referenciado. Minha gratidão aos membros da Comissão de Verificação, Augusto Bezerra, escritores Pedro Sisnando e Êsio de Souza, aos votos favoráveis da Diretoria, e a unanimidade dos consócios presentes à votação.

Agradeço penhorado à Diretora Administrativa desta casa, Marinez Alves, e à sua equipe pela forma cortês como aqui fui recebido desde a minha inscrição, e também pela organização desta solenidade.

Manda a usança estatutária, e recomenda a tradição acadêmica, e assim procedo, seja o primeiro dever do recipiendário traçar o perfil biográfico, o elogio merecido, o panegírico de seu antecessor. No caso Francisco Edson Cavalcante Pinheiro, natural de Cachoeira do Riacho do Sangue, hoje Solonópole. Seu tronco familiar descende do português Manoel Pinheiro do Lago, da Freguesia de S. Martinho, que aportou nas

plagas cearenses nos idos de 1700. Edson escreveu “Sólon Pinheiro, Apóstolo da Democracia”. Ministro do Tribunal de Contas do Estado do Ceará, encerrou sua atividade pública como Secretário de Justiça, no governo Tasso Jereissati. Foi recebido neste Instituto no dia 21 de junho de 1999, saudado pelo Prof. José Cláudio de Oliveira.

Permitam-me agora, prometo que a voo de pássaro, e de forma concisa e sóbria, um projetar breve de momentos edificantes de minha caminhada evolutiva. Nasci no meio rural, no convívio agradável e histórico do sítio Alagadiço Novo, hoje José de Alencar, então, propriedade de meu avô materno, casado, em primeiras núpcias, com Joaquina, viúva do médico Joaquim Bento de Sousa Andrade. Ela, filha do Pe. Martiniano, senador vitalício, duas vezes presidente da Província do Ceará e pai do romancista José de Alencar, nascido a 29 de maio de 1829.

Ali passei agradáveis períodos de minha alegre infância, na senhorial mansão colonial, construída em 1806. Nas paredes caídas da sala de visita, retratos expostos falavam do clã familiar. Geminada à casa grande, as instalações remanescentes da senzala, retrato mudo do passado tristonho do ciclo escravocrata de nossa história.

Ah, quantas reminiscências presentes! O rasgar das madrugadas, esculpidas por Deus numa apoteose de cores multiformes, eram saudadas pela retreta gasguita e anunciadora do cantar dos galos; pela orquestração melodiosa, sonora e suave de festivos madrigais, de pássaros cantantes, e pelo som agudo e determinado do sopro do búzio, chamando os trabalhadores ao engenho. Depois, o odor agradável da fervura do mel borbulhante, a arder nas caldeiras de cobre, montadas sobre fornalhas crepitantes, e brasas ardentes.

Vejo-me a ouvir a matraca ranhenta das moendas de cana, parecendo o ranger, sem pressa, de carros de boi, varando perdidos caminhos e vielas estreitas, como a cadenciar a inexorabilidade do tempo e da vida.

Impossível dissociar da criança o vivenciado na infância. Como um caleidoscópio, repassam-se na minha tela mental, as cabeleiras onduladas dos verdes canaviais, tangidos pelos ventos norte, soprados lá das bandas do mar; os passeios a cavalo, as caçadas de baladeira, o soltar de raias, e aos meus olhos infantis, puros e inocentes, a beleza sacrossanta, acolhedora e dadivosa, da bendita e abençoada mãe natureza.

Nos fins da tarde, no alpendrado do casarão, calçado de tijolos brancos de diatomita, vovó Inês lia para os netos trechos de romances de José de Alencar. Contava histórias de trancoso, (*capineiro de meu pai, não corte os meus cabelos, minha mãe me penteava, minha madrasta me enterrou, pelo figo da figueira que o passarinho picou*). E teatralizava versos romanescos da literatura de cordel (*Eu vou contar a história do Pavão Misterioso, que levantou voo da Grécia com um rapaz corajoso, raptando uma donzela, filho de um Conde orgulhoso*). Emocionada, realçava a figura paciente e sofrida de Bárbara de Alencar, heróica mãe espartana de nossa história, com dois filhos sacrificados pelo ideal da independência: Pe. José Carlos teve o pescoço decepado, por cruéis e sangrentos golpes de machado, e Tristão, herói nacional, emboscado e morto nos tabuleiros desertos e areiais ensolarados do lugar Santa Rosa.

Trago-lhes agora um despretenso informe. Minha avó residiu durante 50 anos no sítio Alagadiço Novo, e confirmava ter ouvido, por diversas vezes do marido, repetindo Joaquina, que José de Alencar nasceu na camarinha principal do casarão, onde a mãe, Ana Josefina, viera lá do Crato “esconder a vergonha do bucho, da gravidez”, fruto de um arrebatado amor juvenil, oferecido em dação sublime, ao primo legítimo, Pe. Martiniano.

A versão, do nascimento de Alencar numa garagem, ou depósito do sítio, sempre pareceu à família uma alegoria fantasiosa e quimérica. Como deixar a prima legítima dar à luz em espaço tão precário, quando dispunha do razoável conforto de uma camarinha? Longe de mim, a intenção crítica de desqualificar mitos. A memória, filha da oralidade, provém da irmã do romancista.

Por volta de 1961, praticamente ao chão, como bem me informou o ilustre mestre Liberal de Castro, cultor apaixonado de nossa cidade, a antiga casa foi demolida, para abrir espaço à passagem da Av. Perimetral, obra do prefeito Cordeiro Neto. De tão valioso passado só resta a garagem, que posteriormente servia à guarda do cabriolé.

Estou prestes a concluir. Num segundo momento, relembro o aprendizado no então denominado curso primário. Ali, presidente Ednilo, nasceu minha vocação à cidadania, o gosto pela leitura, o respeito à família e à Pátria. Tenho conservada, com absoluta nitidez, a figura austera do diretor do colégio. Recordo o seu jeitão, sempre de terno e gravata, apressado no andar, e um certo tique no mexer a cabeça.

Semanalmente, reunia os alunos num grêmio literário. Eram concursos de oratória e recitação de versos, de autores nacionais e lusitanos. Aquele senhor me curou a gagueira, não à moda de Demóstenes, o Leão de Atenas, também gago, o maior orador da Grécia clássica. Constantemente, levava-me à leitura em voz alta, de textos da *Crestomatia*, de Radagásio Taborda.

Daquele tempo, guardo inteira, a primeira página do livro, fruto da pena brilhante de um notável escritor nacional, membro deste grêmio, Dom Antônio de Almeida Lustosa, referindo-se ao trabalhador do campo. Ouçam que beleza de estilo: *“ele amanhara o campo com amor. Madrugara mais que o sol. A lamina polida de sua enxada repolia-se muitas vezes na leiva, antes de refletir os primeiros raios da alvorada”*.

Rememoro a inspiração poética de Castro Alves, exaltando os heróis da Pátria. (*E foram grandes teus heróis oh Pátria, mulher fecunda que não crias escravos, que ao trom da guerra soluças-te, filhos, parti soldados mas voltai-me bravos*). Aprendi de cor e salteado, sonetos líricos e harmoniosos do Pe. Antônio Tomaz (*Quando partimos no verdor da vida, pela estrada florescente, as esperanças vão conosco à frente, e vão ficando atrás os desenganos*). Jamais esqueci os versos doridos de D. Pedro II, banido do amado solo pátrio, em noite chuvosa, “tal um negro fujão”; jogado com sua família no vapor Alagoas (*Não maldigo o rigor da iníqua sorte, por mais atroz que seja e sem piedade, arrancado-me o trono e a majestade, quando a dois passos só já estou da morte*.) Dos autores lusitanos, relembro Camões: (*Sete anos de pastor Jacó servia a Labão, pai de Raquel, serrana bela, mas não servia ao pai, servia a ela, pois a ela só por premio pretendia*.)... E como esquecer o cantar ufano de Tomás Ribeiro, exaltando a glória de seu amado Portugal; (*Portugal meu berço de inocente, onde débil andei ainda infante, meu eterno jardim de adolescente, jardim da Europa, a beira mar plantado*). Relevem, por favor, a minha emoção.

Nas comemorações festivas do 7 de setembro, o palpitar do coração do mestre era o espargir patriótico de um turíbulo, em santificantes eflúvios de amor à Pátria. Refiro-me ao Dr. Edílson Brasil Soárez. Ao seu lado, o adjutório delicado, afável e doce de um anjo tutelar, a professora Nila. A cadeia de união da minha vida se enriquece nesta noite de mais um elo afetivo. O presidente Ednilo Soárez recebeu-me como membro titular do Instituto.

Em genuflexo, agradeço a minha saudosa mãe. Ah mulher decidida e corajosa, nascida lá pelas bandas da Vila de Dansas, berço dos Ferreira Maia, da geografia de Limoeiro do Norte. Meu pai, terceira geração cartorária, como tabelião público, faleceu tragicamente, aos 33 anos, junto com o filho mais velho, deixando, como herança, uma penca de quatro filhos menores. Esta recepção repleta de carinho e para mim tão significativa, a recebo qual um buquê de rosas, cujas pétalas coloridas, belas e perfumadas, partilho com os presentes.

Meu primeiro batente, senhoras e senhores, foi marcado por noites indormidas, como revisor do jornal matutino, e pessedista, *O Estado*, sob a direção de Walter de Sá Cavalcante. Depois, o *Jornal do Brasil*, no Rio, e posteriormente co-editor de Mercado de Capitais da *Tribuna do Ceará*. Ainda jovem participei do Teatro Escola, sob a direção de Da. Nadir Papi de Sabóia e Maristher Gentil. Fernanda Quinderé era a principal atriz do grupo. Inteligente, bonita e artista nata. Estivemos juntos no palco na peça *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, e tantas outras.

Aos 21 anos ingressei no Banco do Brasil, afastando-me, posteriormente, para iniciar-me nas atividades políticas. Foram quatro mandatos de deputado estadual, e a honra da outorga da *Medalha do Mérito Parlamentar*.

No campo acadêmico, cursei Filosofia, na Faculdade Católica de Filosofia do Ceará; Didática, na Universidade do Estado da Guanabara; Graduação em Gerência Financeira, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Teologia, no Seminário Teológico Batista, Introdução à Museologia na Unifor e História Política, na Universidade do Parlamento.

Desde a fundação em 1997, dedico-me ao Memorial da Assembleia, classificado pelo Ibram como um dos mais bem equipados instrumentos museológicos do Brasil. Deve-se sua instalação inicial ao esforço e beneplácito do Dep. Luis Pontes, então presidente da Casa. O Memorial ganhou expressão e reconhecimento nacional graças ao Pres. Domingos Filho, hoje vice-governador do Estado, notável cultor da memória política do Ceará. Foi quem dotou a nossa Casa do Povo, no que de mais moderno e contextualizado existe no País, em termos de memória legislativa. No campo editorial publiquei cinco obras voltadas à memória política. Sob a chancela do Memorial da Assembleia con-

tam-se 17 livros, guardiões da vida e do passado da Casa. Na área da ciência religiosa, fiz publicar *Jesus de Nazaré, Uma História de Amor; Os Clérigos Católicos na Assembleia Provincial do Ceará*, e mais recentemente, *Para Entender a Bíblia*, uma visão teológica-criacionista sobre o homem, Deus e o universo. E até ousei na poesia, em *Vidaversos*, vejam só, pensando em legar aos porvindouros a mesma lembrança poética de Álvares de Azevedo, “foi poeta, sonhou e amou na vida”.

Já vou concluir. Deixo a expressão do meu carinho à minha família, irmãs, filhos, netos e sobrinhos e amorosamente à minha querida mulher, Maria Teresa. Meu preito de saudades ao consócio falecido, Prof. Aristides Ribeiro, sogro e amigo, nesta Casa recebido em julho de 1974. Uma alusão cordial aos confrades da Academia Maçônica de Letras, em nome do presidente Reginaldo Limaverde. Ao Dr. Seridião Montenegro, presidente da Academia Metropolitana de Letras; Lima Freitas, da Academia dos Municípios do Ceará; Zelito Magalhães, da Academia de Letras e Artes; à Sociedade Cearense de Geografia e História, na pessoa do acadêmico Vicente Alencar; à Associação Cearense de Escritores, em nome do presidente, Francisco de Assis Clementino Ferreira; à Associação Brasileira Bibliófilos, pelo seu presidente Augusto Bezerra; aos confrades da Academia Nacional de Ciências, Artes e Letras do Gr. Or. do Brasil, na pessoa de Anízio Araújo. Saúdo os obreiros da Casa do Caminho, em nome do presidente Haroldo Xavier; o Ir. Joseleudo Santana, Ven. Mestre da Loja Dragão do Mar e ao Gen. Torres de Melo e José Torres de Melo, companheiros de mãos dadas na seara da filantropia. Um tríplice e fraternal abraço ao Ir. Etevaldo Barcelos Fontenele, Past-Grão Mestre e Dr. Silvio de Paiva Ribeiro, Sereníssimo G.:M.: da Gr.Loja Maçônica do Estado do Ceará.

Uma referência de gratidão e amizade ao benemérito ex-governador Cel. Aduino Bezerra. Nascido no Juazeiro, tornou-se parte relevante da história política do Ceará, sendo o seu nome guardado e respeitado pelo muito que realizou por nossa terra. Cidadão cordial, amigo, prestimoso, merece ser destacado como exemplo de retidão e serviços prestados ao seu povo. Palavras que as faço extensivas ao Cel. Humberto Bezerra. Duas pessoas que no correr dos anos aprendi a querer bem.

Devo também externar com especial carinho o meu afeto a Adísia Sá, missionária-mestra devotada ao magistério, modelo de competência

e proibidade como jornalista, atualmente na presidência da Associação Cearense de Imprensa. Deixando o meu coração falar, confesso-lhe o quanto ainda guardo com respeitoso carinho, os nossos sonhos joviais convividos na faculdade.

Meus cumprimentos ao ilustre governador Lúcio Alcântara, companheiro de muitas caminhadas e que me confiou, por quatro anos, a chefia de seu gabinete, quando vice-governador.

Permitam-me mais uma vez referenciar o vice-governador Domingos Filho, irmão e amigo, nome que se impôs à admiração e respeito dos cearenses, pela capacidade de trabalho e visão de estadista. Domingos Filho representa a tradição social e política de ilustres ascendentes dos Inhamuns, realçando-se, entre nós Antônio Gomes de Freitas, recebido como consócio, neste Instituto, em 4 de novembro de 1969.

Já é tempo de concluir. Sou uma pessoa simples, e voltada à busca efetiva da humildade de coração. Confesso-me um aprendiz voluntarioso à prática salutar da fraternidade entre os homens. Não tenho nenhum acanhamento de minha religiosidade. Encerro minhas palavras com uma citação bíblica, evangélica, cristã, a primeira que aprendi, em grego, no Seminário Batista, e vivida por Yeshua bar Joseph, Jesus, o divino Mestre da paz e do amor fraterno: “Εγώ είμαι η οδός, η αλήθεια και η ζωή.”. Traduzo: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida.*

Disse-o.

(Discurso pronunciado em 23 de agosto de 2013).

